

**REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES**  
ISSN 1678-3182

VOLUME V

NÚMERO XX

JAN - MAR 2007

**A identidade traduzida em *Lorde*, de João Gilberto Noll**Shirley de Souza Gomes Carreira – UNIGRANRIO  
Doutora em Literatura Comparada**RESUMO:**

*Lorde*, de João Gilberto Noll, aborda, ainda que de forma simbólica, o embate entre a “tradição” e a “tradução”. Ao criar uma personagem que parte para a Inglaterra em busca de uma oportunidade de emprego que, desde o início, se revela confusa e indefinida, Noll cria, mais uma vez, um ser que inadequado ao meio em que vive. Este ensaio investiga a forma original pela qual o autor soluciona os processos inerentes à questão da imigração, bem como traz à baila a questão da identidade.

**Palavras-chave:**

Imigração, Identidade, Tradição, Tradução, Amnésia, Metamorfose

**The translated identity in *Lorde*, by João Gilberto Noll****ABSTRACT:**

*Lorde*, by João Gilberto Noll, approaches, even if in a symbolical way, the shock between “tradition” and “translation”. By creating a character that has left to England in search of a job chance that, since the beginning, proves to be confused and indefinite, Noll creates, once again, a being that seems to be inadequate to the environment in which he lives. This essay investigates the original solution the author gives to the inherent processes of the question of immigration, as well as brings to light the question of identity.

**Keywords:**

Immigration, Identity, Tradition, Translation, Amnesia, Metamorphosis

## A identidade traduzida em *Lorde*, de João Gilberto Noll

Profa. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira – UNIGRANRIO

Um dos traços distintivos do fazer narrativo de João Gilberto Noll tem sido o tratamento dado pelo autor à questão da identidade. Os sujeitos fragmentados e as identidades cambiantes são uma constante em seus textos, refletindo amplamente a “crise de identidade” que faz parte de um processo de mudança que afeta as sociedades modernas e abala os quadros de referência que dava aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 1998, p.7). O sintoma da crise é o declínio das velhas identidades, pautadas em paradigmas de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, gerando o descentramento do sujeito.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall traçou o percurso da posição do sujeito desde o iluminismo até a ótica pós-moderna, que revela um sujeito fragmentado, sem identidade fixa, que “é formado e transformado continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1998, p.13).

O conceito de identidade unificada passou a ser concebido como uma “narrativa do eu”, que cada um de nós constrói, e, assim, o homem contemporâneo vive em permanente confronto com uma multiplicidade de identidades possíveis, com as quais pode temporariamente se identificar.

O fenômeno da migração tem sido responsável pela formação de enclaves étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente, levando a uma “pluralização” de culturas e identidades nacionais (HALL, 1998, p. 83). Por outro lado, a co-existência de identidades culturais diversas enseja uma dialética, na medida em que algumas delas gravitam em torno da “tradição”, enquanto que outras, aceitando a sua sujeição no plano da história, da política, da representação e da diferença, gravitam em torno da “tradução”.

O ato de traduzir-se implica a travessia de fronteiras, a transferência espacial de uma dada identidade cultural que, ao entrar em contato com outra, propiciará o surgimento de uma nova identidade, segundo a lógica do processo que Fernando Ortiz chamou de “transculturização”. Pode-se dizer que a tradição

opõe-se à tradução na medida em que se configura como uma forma de fechamento frente ao hibridismo e à adversidade.

A relação intrínseca entre a mobilidade e o surgimento de identidades híbridas tem sido o foco de interesse de muitos teóricos da literatura e dos estudos culturais, abrindo espaço para uma vasta investigação ligada ao que podemos denominar “condição humana de nomadismo”. As escritas diaspóricas, a literatura de exílio e os discursos de deslocamento são apenas alguns dos rótulos que nos permitem agrupar e entender criticamente os textos contemporâneos que apresentam vínculos com a globalização cultural.

Em *Lorde*, João Gilberto Noll situa o seu narrador exatamente no terceiro espaço descrito por Homi Bhabha, o entrelugar onde as identidades híbridas são construídas. O enredo do romance é aparentemente simples: um indivíduo não nomeado, o narrador, do qual sabemos apenas que é de nacionalidade brasileira, viaja à Inglaterra a convite de um representante de uma universidade britânica para exercer a função de *writer in residence*. Lá chegando, ele se vê imerso em dúvidas não apenas sobre o seu real motivo para estar ali, como também sobre as verdadeiras intenções daquele que o convidou. O romance é tecido a partir dos meandros das incertezas do narrador-protagonista, cuja deambulação pela cidade equivale a um mergulho em busca do seu verdadeiro eu.

Ildeber Avelar (1994, p.45) vê no anonimato das personagens de Noll indícios de um universo ficcional em permanente mutação:

El anonimato de todos los protagonistas –narradores de Noll, no es más que um índice, entre vários otros, del desmoronamiento de um modelo de experiência basado em la singularidad del nombre próprio. La existência del nombre próprio depende fundamentalmente de la repetición, de la ley de iterabilidade que caracteriza la firma (...) lo que la ficción de Noll se propone imaginar es um mundo donde la repetición – y por tanto la diferencia – han sido ya completamente abolidas. Nada se repite porque la experiência se arrastra em la progresión

indiferenciada de la esquizorenia: y naturalmente, em el interior de una experiencia ya no articulada por una repetición remisible a una firma, ya no tiene sentido hablarse de diferencia (...) em Nol la instancia sintetizadora de esa dialéctica [repetición/diferencia] – el sujeto – ya no existe em cuanto tal, o há pasado por una transformación tan radical a punto de volverse irreconocible.

As personagens sem nome que habitam o universo ficcional de Noll são seres cuja memória se encontra em processo de decomposição, a caminho da inexistência. Sua configuração distancia-se, nesse aspecto, do sujeito pós-moderno, uma vez que a memória, como mecanismo sintetizador da dialética repetição/diferença, constitui a singularidade desse sujeito. É o narrador de *Lorde* quem anuncia: “(...) a minha mente começava a ficar tão seletiva com nomes, que dava para desconfiar de uma séria amnésia que vinha me atacando sorrateiramente, qual num candidato ao Alzheimer. Mas disso os ingleses nem ninguém naquela terra deveriam desconfiar. Eles tinham chamado ao seu país um homem que começava a esquecer”. (16)

Em *Não-lugares*, Marc Augé (1994) afirma que a experiência do fato social concretiza-se na experiência de uma sociedade precisamente localizada no tempo e no espaço, da qual qualquer indivíduo a ela pertencente é uma expressão. A memória individual é, portanto, expressão de uma memória social, do nosso “lugar antropológico”, que é relacional, identitário e histórico. A esse lugar, Augé contrapõe os espaços da sobremodernidade: os não-lugares, que são locais de passagem, de trânsito intenso.

Ao contrário do que ocorre em *A céu aberto*, por exemplo, em *Lorde* as localizações são bem definidas, mas o narrador-personagem não se identifica com elas, revelando-se um “habitante” do não-lugar, uma vez que a sua itinerância, a sua deambulação pela cidade, denota a sua crise identitária.

O primeiro espaço, o do aeroporto, é onde a personagem tortura-se com a dúvida, com o receio de que a possibilidade de mudança, que a sua ida a Londres representava, pudesse se extinguir com a ausência daquele que o

convidara. A sua motivação para aceitar o convite é revelada prontamente ao leitor:

Deste lado eu, que tinha vivido aqueles anos, vamos dizer, nu no Brasil, sem amigos, vivendo aqui e ali dos meus livros, no menor intervalo a escrever mais, passando maus pedaços e todo cheio de piruetas para disfarçar minha precariedade material não sei exatamente para quem, pois quase não via ninguém em Porto Alegre. Sim, disfarçara nas entrevistas ao lançar meu derradeiro livro, sim, vou passar uma temporada em Londres, representarei o Brasil, darei o melhor de mim — o quá-quáquá surfava na minha traquéia sem poder sair, entende? (p.11)

Em *Imaginary Homelands*, Salman Rushdie (1991, p. 277-8) afirma que “um migrante, na acepção completa da palavra, sofre, tradicionalmente, uma tripla ruptura: ele perde o seu “lugar”, adota uma língua estrangeira, e se vê cercado de pessoas cujo comportamento e códigos sociais são muito diversos dos seus, e, às vezes, até mesmo ofensivos”.<sup>i</sup> As raízes, o idioma e as normas sociais constituem três importantes aspectos da definição da identidade cultural. Ao negá-los, o migrante vê-se obrigado a encontrar novos modos para descrever-se e definir-se enquanto indivíduo.

Ao contrário de boa parte dos imigrantes, que mantêm com a terra natal uma relação quase que idealizada, o narrador de *Lorde* parece guardar dentro de si uma decepção, uma rebeldia em relação ao seu país, um desejo obscuro de evadir-se e de se tornar uma outra pessoa. O tom de auto-rejeição que permeia a obra é perceptível no discurso do narrador:

Mas tudo poderia acontecer, ele talvez não passasse de um blefe, há de tudo no mundo, indivíduos de todas as espécies, alguns se vingam de toda uma nacionalidade,

no caso a brasileira, porque nunca lhes faltam razões, estão sempre cobertos delas, não duvido, eu faria até o mesmo se fosse ele, me deixaria só em Londres, sem a grana do que ele chamava de bolsa, sem ter como pagar o aluguel daquela casa que eu não conhecia em Hackney, me deixaria justamente assim, com os pulsos em oferta para o primeiro policial me algemar, deportar, pior, não me soltar jamais. (p.14)

O inglês o instala em um apartamento em Hackney, bairro habitado por imigrantes. Enquanto aguarda novas instruções, o narrador de Noll circula por Londres, num girar sem rumo que o transforma, segundo suas palavras, em um “homem que começa a esquecer”. Esquecer, sobretudo, de si mesmo. O confronto entre o “eu que era” e o “eu que espera vir a ser” traduz-se na consciência do seu estado presente:

Parecia só existir aquilo, uma casa desconhecida que teria de ocupar, uma língua nova, a língua velha que tão cedo assim já me parecia faltar em sua intimidade, a não ser, é claro, as noções gerais – ou, quem sabe, o socorro que ela ainda proporcionaria pelo menos para mim em casos extremos, como o de estar à morte e pronunciar a palavra cara da infância, dessas que você talvez nem desconfie que ainda tenha dentro de si, que irrompa apenas quando todo esse palavrório inútil de agora se afasta até o ponto de reemergir o brilho daquela bisonha saudade em uma, duas sílabas. (p.19)

Muitos escritores brasileiros, entre eles o próprio Noll, costumam desembarcar na Europa, a convite de governos e de universidades, para palestras, seminários, leituras. O personagem de Noll não descarta essa hipótese mais previsível, a do convite profissional; mas logo percebe que algo

diferente o aguarda. Como o agrimensor K, de *O Castelo*, romance de Franz Kafka, ele desconhece a missão que lhe será confiada e nem sequer pode imaginar o que dele esperam. De modo vago, ele tem consciência de que a sua é a história de uma metamorfose, e de que está ali por conta de um desejo visceral de ser um outro homem, alguém capaz de viver fora das páginas dos seus livros. Debate-se entre a necessidade de livrar-se de sua máscara literária, da personagem que criou para si, e a necessidade de buscar o prestígio e o sucesso. Afinal, foram os seus livros que permitiram a sua ida a Londres. Ao ver-se em um espelho, percebe em si mesmo a imagem da desintegração:

Eu era um senhor velho. Antes não havia dúvida de que eu já tinha alguma idade. Mas agora já não me reconhecia, de tantos anos passados. O que eles queriam com um homem que já podia tão pouco? Ou esperavam de mim a decantada sabedoria do idoso? E que sabedoria poderia apresentar em algum colóquio, sei lá, mesmo que numa pequena exposição acerca daquilo que me restara, os meus delírios? Passava a mão pela face como que a limpá-la do tempo acumulado; ah, cogitava estar vivendo um cansaço extremo e por isso a vista me castigava despindo o meu próprio rosto. (p25)

Na realidade, a personagem começa ali um processo de dissolução do eu. Rompe com o homem que é, pois deseja ser outro. Começa por procedimentos banais, como uma tintura no cabelo e uma maquiagem. A necessidade de desvencilhar-se de si mesmo é duramente enunciada:

Se não aderisse cegamente àquele inglês que me chamara até Londres, se não o reinventasse dentro de mim e me pusesse a perder a mim próprio, sendo

doravante ele em outro, neste mesmo que me acostumara a nomear de eu, mas que se mostrava dissolvido ultimamente, pronto para receber a crua substância desse inglês, ora, sem isso, não calcularia como prosseguir. É uma substância que eu saberia moldar, eu sei, saberia: em outro e outro ainda, em mais. Tinha vindo para Londres para ser vários – isso que eu precisava entender de vez. Um só não me bastava agora — como aquele que eu era no Brasil. (p.28)

A rejeição à identidade unificada equivale à rejeição a um lugar antropológico: “Algo bem determinado eu podia sentir: eu não tinha saudade do que deixara no Brasil nem de nada em qualquer espera que sobrevoasse qualquer país”. (p.26) A personagem de Noll personifica o sentimento de inadequação e mostra-se inconformado com o aspecto mecanizado, repetitivo, do real. Sabia, agora, que havia ultrapassado aquele indivíduo que mecanicamente formara para os outros, a sua *persona*. Pensa na possibilidade de se tornar mais um dentre tantos autores imigrados, “sem nacionalidade precisa, sem bandeira para desfraldar a cada palestra, conferência” (p.33). Quer sentir na pele a sensação do cosmopolitismo, de ser tantos em um. Ao contrário de muitos imigrantes, ele não deseja ser assimilado. Busca antes a multiplicidade, a focalização multicultural, os muitos “eus” que o habitam. Para que existam, é necessário esquecer, ou virar o espelho ao contrário, como de fato faz, para que não se recorde daquele que foi um dia. Não o quebra, mas vira-o contra a parede, pois se precisasse voltar algum dia teria ainda como se olhar e lembrar quem levava dentro de si.

É visível a inquietude da personagem, a sua tendência a valorizar o que está em outro lugar, menosprezando o seu local de origem. São muitas as passagens em que enuncia a falta de lembranças, como que a afirmar que sem lembranças não há terra natal:



E depois, se não viesse a cura, o que era um leve mal-estar como o que sentia no momento se eu pudesse ficar ali?, me alimentando o mínimo para que os dias não sustassem, sim, e eu sem precisar voltar para o Brasil, olhando a árvore seca na primavera próxima brotar...De que adiantava eu voltar cheio de saúde para a América do Sul, se de lá não trouxera a menor recordação. (p.74)

A deambulação da personagem pela cidade é como um delírio. Nem o leitor nem a própria personagem sabem onde se dá o limite entre a realidade e a alucinação. Segundo afirmações de Noll em suas entrevistas, as suas personagens têm dificuldades para aceitar a insuficiência do real. Sua trajetória parece ser o fluxo de uma desordem mental, de uma ausência de si. O ponto entre a loucura e a lucidez é uma localização, reflexo da identidade temporária que assume: o apartamento em Hackney. O símbolo da deambulação é o ônibus 55, mediador entre o espaço das ruas e o espaço da casa, que a personagem sabe não ser sua. Uma parte de si busca um referente, o local de retorno, enquanto a outra segue em busca de algo que nem sabe exatamente o que é. Nessa busca existe apenas a certeza da necessidade de mudar, de ser outro, de vagar pela cidade.

A dificuldade que o narrador-protagonista tem de assumir papéis impostos por outros se revela na imagem que tem si mesmo, pois ele se vê como um dândi, em sua não conformidade com a mentalidade burguesa; como um *flaneur*, na sua necessidade de estar sempre em meio à multidão, observando a vida e vivendo-a em uma ausência absoluta de paradigmas. Assim, ele percorre as ruas, morada do coletivo: “Não me importava que as pessoas que caminhavam pelas calçadas não me notassem, me confundissem com todas: era desse material difuso da multidão que eu construía o meu novo rosto, uma nova memória. Por enquanto, sim, eu não era ninguém”. (p.34)

Essa passagem do texto exemplifica a formação da identidade a partir de fragmentos. A narrativa é igualmente fragmentada. Os episódios se sucedem sem obedecer a uma lógica integradora. Seu único elo é o homem que perambula pela cidade. Ao fazê-lo, se vê ator e testemunha de situações

diversas. A sua relação com a vida, com os locais e as pessoas é uma relação paradoxal, de amor e ódio.

As experiências do personagem se desenvolvem em um âmbito onírico. Assim, ele se vê em um hospital, sendo tratado de uma doença que ele desconhece, sedado, experimentando uma espécie de viagem fora do corpo: “Lá jaz um pedaço de mim que parou, sem pensamento para controlar o mundo nem o que vai dentro dele, pedra à espera. Voltarei na calada da noite, levantarei o lençol e me deitarei. E quando o inglês retornar verá que o experimento deu certo”. (p.39) Retorna ao apartamento com a certeza de que nada lhe pertence, nem ele mesmo:

Sabia não ser mais inquilino nem de mim próprio, um meu pedaço ficara lá deitado no leito do hospital, e de repente fico ciente de que não era mais inquilino também daquele apartamento(...) Nome, nacionalidade, cor, religião. Indiferente compor com os novos elementos de cidadania um sentido ou não. Eu era o clássico indivíduo que havia muito não tinha mais nada a perder. Com uma migalha seria um rei. Alguém dormia por mim lá no hospital de Bloomsbury. A essas alturas eu já não sabia se acordaria. (p.41)

Dessa forma, Noll inscreve simbolicamente a extinção da identidade do homem que chegara a Londres. Antes de cair no sono, o personagem afirma que começava a prever que quando acordasse estaria habitando uma outra carneção. No entanto, a personagem acorda em seu próprio corpo, cuja excitação exige alguma forma de satisfação. Os livros que escreveu, postos sobre a lareira, dão-lhe a certeza de que a sua escrita roubou-lhe parte da vida; é, agora, “um bagaço deles”. (p.43)

O surgimento do Professor Mark em sua vida acena-lhe como a oportunidade tão esperada. Vai ao encontro dele, esperançoso. Depara-se com seus livros e é informado de que o professor ficara sabendo do convite que

recebera. Inesperadamente, Mark dirige-se ao banheiro e convida-o a segui-lo para continuarem a conversa, até que, objetivamente, estende o convite a um banho comum. A negativa do narrador vem acompanhada de lágrimas. Já não sabe dividir sua nudez com outra pessoa.

Nesse ponto, a materialidade do romance é trazida à baila e o seu estatuto de personagem é explicitamente colocado diante do leitor:

Não parecia que aquele homem afirmasse ser estudioso da minha obra e que pedisse uma entrevista a mim para suas pesquisas. Diante dele eu me sentia um homem sem ação, um mísero escrevinhador de horas necrosadas. Ele me ofereceu a mão para me levantar do vaso. Sentiu que eu estava refluindo para um ponto distante do meu personagem e que depois seria mais difícil de me pescar. Era preciso me reanimar ali, agora. Mal sabia ele que as lágrimas que eu derramara se constituíam em bom indício. Não fazia idéia exatamente de quê. Mas alguma coisa em mim deixara a forma de cristal, amolecera e se escoava, ia embora. (p.48)

A reanimação se dá por meio de um beijo sem conseqüências. O narrador se vê fugindo uma vez mais. Sem compreender o enigma do inglês que o levava a Londres, opta pelo silêncio, pela espera. Sob o peso de sua covardia, perambula pelas ruas, atravessa a London Bridge, senta-se nos degraus das igrejas, ensaia um pedido de esmola, assume a sua condição:

“Eu fora feito para aquilo, desde criança eu sabia disso, não para obter magros subsídios de universidades européias. Essa a minha condição, morrer enregelado pelas ruas de Londres, tendo talvez no fim um soluço...” (p.51)

O sonho do imigrante (ou da libertação?) se descortina ante seus olhos, ao pensar o quanto fora crédulo, vindo atrás de um vendedor de ilusões que, por alguma razão que precisava descobrir, o tinha escolhido como o herdeiro da quimera britânica. Ainda uma vez, embrenha-se em uma trajetória alucinante:

aproxima-se de um rapaz ferido, que expira em seus braços; entra na casa de uma prostituta negra; caminha sem rumo; adentra uma igreja e toma a comunhão; baila em plena rua, como a repetir um ritual do qual nem mesmo ele tinha consciência; toma o ônibus 55, espaço marcadamente multicultural:

Atravessei o Soho à toda, um pedaço de Oxford Street, lá vinha o 55 que me conduziria à verdade. Tomei-o, subi para o primeiro andar. Lá dentro falavam português, iraniano, chinês, vietnamita, inglês, espanhol, italiano, turco (...) tinha sérias dúvidas de que vivessem melhor naqueles becos de Londres do que em sua escassez natal. O que me diferenciava dos demais ali é que eu tentava prolongar indefinidamente uma estada que, me dando o mínimo, não pedia nada em troca. (p.60)

Em síntese, o personagem reflete a incapacidade das pessoas em atribuir um sentido à existência no mundo da chamada pós-modernidade. Para além das máscaras sociais predomina o vazio. Ele poderia ter aquiescido ao sistema, aceitar o papel, envelhecer correndo menos riscos, “até a vida se tornar inofensiva”. Mas algo dentro dele se rebelava ante o esgotamento do eu. Aceitar o convite implicava assumir os riscos do que viria depois. A conformidade é uma forma de prisão. Assim como o apartamento em Hackney, que se tornara uma espécie de solitária. Trocara uma prisão por outra, o Brasil por Londres:

Ali em Londres, à beira dos alojamentos do regimento, ouvindo aquele homem falar de hipóteses bélicas que pouco me interessavam, cheguei à nítida conclusão de que a vida não me queria em perfeitas condições, é isso Deu-me sete livros, é verdade. Mas, apesar deles, onde eu encontrava a minha autonomia? Até quando escravo

de uma maquinação secreta sem vislumbre de alforria?  
Já falei, ser escravo não é nada, mas que se saiba  
realmente de quem ou do quê. (p.68)

Em uma instância de autoconsciência, o narrador se define como um réptil, “um ser sem estrutura dorsal para conviver com seus iguais”, mas um réptil que ainda tinha o poder de amar. O desejo sexual é a única chama que ainda o move.

Um dia, é levado à presença do inglês que o convidara e que pontualmente pagava as suas despesas. O que se passa entre eles assume os ares de uma pantomima. Ao invés de dar-lhe o valor em dinheiro acordado antes de sua vinda, o inglês põe para fora os bolsos vazios e começa a andar como Charles Chaplin. O narrador o segue certo de que ainda receberá o dinheiro e, talvez, venha a decifrar o mistério que o envolve. Mas, ao invés disso, o inglês se atira no Tâmis. O suicídio assume a forma de um ritual. O período de aprisionamento se extingue naquele ato desesperado. Desorientado, o narrador se vê, agora, como um outro tipo de prisioneiro, que tem no tempo o seu carcereiro: “Desci as escadas pensando que eu não voltaria para o meu calabouço de Hackney. Eu agora só era prisioneiro do tal tempo que urge, como sempre. Tinha que matá-lo, matá-lo andando por aí, até decidir que trem tomar, para que cidade inglesa ir”. (p.89)

Perambulando, entra em uma loja pornô, pensa na possibilidade de ser amante de um velho hindu para ter como subsistir, segue pelas ruas até encontrar numa livraria os seus livros traduzidos, que de nada lhe servem naquele momento. Tudo o que sente é uma inapetência pela palavra escrita.

A libertação simbólica de sua missão vem sob a forma de vômito, pois era um pouco de Londres que ele colocava para fora, “Londres com seus fantasmas e missões inatingíveis, redondamente fracassadas” (p.96). Não viera a Londres para dar conferências nem para representar país algum. Viera a Londres para ser um outro; quem nem mesmo ele sabia como deveria ser. E não desiste do seu intento. Rouba uma carteira, pega um trem para Liverpool,

onde, inexplicavelmente, acaba por ser convidado a dar aulas de português na Universidade da cidade de Liverpool.

Não fora chamado para lecionar literatura, mas a língua que só falava quando estava em silêncio; o idioma do país que deixara para trás, que renegara. O absurdo de sua condição o deixa confuso. Sai a procura de um *pub*, onde encontra um homem com uma tatuagem no braço, que ao contrário de outros colegas seus, não emigrara por causa da crise de desemprego no setor portuário. A afinidade imediata faz com que o narrador afirme a si mesmo “ter encontrado sua cidade, seu lar, seu homem...” (p.106)

A relação homossexual que se segue, tão ansiada pelo narrador em vários momentos do romance, assemelha-se a um rito. Efetivamente, ela é um ritual de passagem. Ao acordar, o narrador busca pelo companheiro, George, ouve o chuveiro, vê o vapor que vem do banheiro. Observa que o ruído do chuveiro cessa, como se o banho tivesse terminado, mas lá dentro do banheiro, como constata a seguir, não há ninguém. Imagina-se ilhado, prisioneiro outra vez, só que de uma cidade inexistente. Sua angústia é tanta que decide romper o trato que fizera consigo mesmo: olha-se no espelho, embaçado pelo vapor e pelo resto de sêmen que ainda traz nas mãos. A imagem que vê o assusta:

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não surpreender o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. Pois é, no espelho apenas um: ele. (p.109)

Subitamente, sua ambição tornara-se realidade: era um outro homem. Como a convencer-se de que ainda estava ali, dentro daquele corpo, o narrador repete para o espelho que é professor de língua portuguesa. Imagina que talvez possa sonhar o sonho do outro, apropriar-se da matriz de sua alma. E,

ciente da metamorfose, um pensamento corta a sua mente: “E quem ensinaria português? E a loja de ferragens, fecharia? No duro, nessa história qual dos dois de fato vingaria? Ou apenas uma existência só prosseguiria em duas? E para quê?” (p.110)

As indagações do narrador sobre a possibilidade de uma identidade sobrepujar a outra se reportam, de certo modo, à possibilidade de assimilação que sempre acompanha o imigrante, concretizam a dialética das identidades: tradição versus tradução. Mas a metamorfose é o símbolo do hibridismo, da transculturação. A identidade que surge a partir do ato sexual, que funciona como um *rite de passage*, jamais será a mesma, ou apenas uma outra. Sua identidade fora traduzida em um outro corpo.

Em *Imaginary Homelands*, Salman Rushdie afirma que escritores migrantes, como ele, que pertencem a dois mundos ao mesmo tempo, posto que foram transportados através do mundo, são homens traduzidos<sup>ii</sup> (Rushdie: 1991, 16). Viver essa experiência significa ver-se obrigado a negociar com as novas culturas, sem ser totalmente assimilado por elas e sem perder completamente a própria identidade. A idéia de pureza cultural, ou de absolutismo étnico, jamais poderá ser associada à sua história.

O homem híbrido está na confluência das misturas, das transformações, nas combinações de novas culturas, idéias e políticas (RUSHDIE, 1991, p. 394). É, portanto, um homem que já não pode pensar em si mesmo como fruto de uma identidade condicionada a um lugar. O desejo de independência do “homem traduzido” é antes uma luta sobre o direito de representar o seu próprio passado, o que não significa, conforme afirma Rushdie (1991, p.15), uma maior fidelidade a tal passado, uma vez que o novo entendimento também necessariamente terá de passar pelo processo tradutório.

Ao fim do romance, o narrador dirige-se a um cemitério e busca adormecer a fim de sonhar o sonho do outro, do qual já herdara o corpo. Se consciente era ainda o escritor que viera do Brasil, dormindo poderia ter acesso à matriz da alma de George. Se assim fosse, seu desejo teria sido finalmente realizado. Não estaria louco, prisioneiro de um delírio, mas teria conquistado o direito de “ser vários”, ainda que sob a forma de um.

No âmbito da literatura, *Lorde* parece revelar o desejo do autor de traduzir o mundo em que vive a partir de uma dupla perspectiva, de quem está, a um só tempo, dentro e fora do mundo que descreve.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Não- lugares*. Trad. de Lúcia Mucznic. Portugal: Bertrand Editora, 1994.

AVELAR, Ildeber. “Bares desiertos y calles sin nombres: literatura y experiencia en tiempos sombríos”. IN: *Revista de critica cultural*, no. 9, novembro de 1994, pp.37-43.

BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. Tradução: Antonio de Pádua Danesi, São Paulo: Martins Fontes, 1988

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_ *O castelo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução : Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A editora, 1998.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_ *Lorde*. São Paulo: Francis, 2004.

ORTIZ, Fernando. “Del fenómeno social de la “transculturación” y de su importancia en Cuba.” In: \_\_\_. *Contrapunteo cubano del tabaco y azúcar*. La Habana: J. Montero, 1940.

RUSHDIE, S. *Imaginary Homelands: Essays in Criticism 1981-1991*. London, Delhi: Granta Books, 1991.



---

<sup>i</sup> As traduções dos textos teóricos e ficcionais são de minha autoria.

<sup>ii</sup> A palavra tradução, observa Rushdie, vem, etimologicamente, do latim, significando “transferir”; “transportar entre fronteiras”.